

**Criatividade e Consciência para o Século 21: Uma Poética da Alma**

Paula Soares, Universidade de Évora

CIEP-UE

Centro de Investigação em Educação e Psicologia

Universidade de Évora

E-mail: [psoares21@gmail.com](mailto:psoares21@gmail.com)

## **Criatividade e Consciência para o Século 21<sup>1</sup>: Uma Poética da Alma**

Paula Soares

Em estados transpessoais de consciência temos o potencial de nos experienciar em tudo o que integra a criação, incluindo o princípio da criação em si.

Stanislav Grof

O laboratório experimental exercido ao longo do século XX atingiu um ponto de saturação. Para entendermos as fontes e os processos que dinamizam a criatividade humana, será necessário reflectir sobre os processos de evolução do auto-conhecimento. Associando a criatividade ao processo de auto-conhecimento podemos obter resultados criativos mais conscientes, podemos devolver à arte a sua missão de revelar, de abrir portas para uma consciência do futuro - uma consciência integral.

### **Rumo a uma Cultura da Criatividade e do Auto-conhecimento**

Um dos pressupostos para a *Poética da Alma* (Soares, 2003) é proceder a um entendimento *integral* do processo criativo. O processo criativo deverá ligar-se a um processo de ganho de consciência. Ao ligar-se a um processo criativo o ganho de consciência, as obras-espelho que daí advêm, para além de permitirem 'reflectir' e testemunhar o processo de auto-conhecimento do e para o artista, podem também adquirir a qualidade de elemento transformador e iluminador para quem as contempla.

Tal como o estudo das obras de destaque do passado cultural da humanidade nos permite entender um percurso evolutivo, assim também as obras que se irão criar nos séculos que se seguem serão obras-espelho dos estados evolutivos da consciência da humanidade. Ao integrarmos a importância da 'arte' como terceiro reino, ao lado da razão e dos sentidos, consideramos pertinente alertar para a necessidade de se aprender a criar com mais consciência. Consideramos urgente encetar uma cultura da

---

<sup>1</sup> Recorremos à figuração numérica árabe para a representação do século 21, uma vez que a figuração numérica romana já não se adequa às mudanças de Paradigma inerentes ao início de um Novo Milénio.

criatividade associada ao auto-conhecimento. Para tal consideramos de grande relevância inteirar-nos dos três elementos participantes do processo criativo: o *criador*, a *obra-espelho* e o *perceptor* (Soares, 2003). É em torno das relações que se estabelecem entre estes três elementos que a Poética da Alma se sustenta.

**criador** ↔ **obra-espelho** ↔ **perceptor**

O *criador*<sup>2</sup>, sendo um co-responsável pela continuação da criação humana terá de associar à sua actividade de criar o elemento da procura do auto-conhecimento. Só integrando esse aspecto de responsabilidade para com o que cria poderá aceder a um percurso que o pode conduzir à obra prima.

A *obra-espelho*<sup>3</sup>, o lago narcísico da humanidade, adquire relevância para a evolução da consciência da humanidade se passar por um processo de reflexo num perceptor. O processo de exteriorização da *obra-espelho* pelo *criador*, permite um processo de interiorização pelo perceptor. A *obra-espelho*, enquanto lago narcísico para a humanidade, permite reunir em seu redor múltiplos estados modificados de consciência ou planos de percepção, permite ampliar o auto-conhecimento de quem nela se contemplar.

O *perceptor*<sup>4</sup> constitui o terceiro elo de ligação nesta tríade, é através da percepção deste que aquilo que foi colocado na área de transferência e de reflexo se dinamiza. Quanto mais apurado for o plano de percepção do *criador* que criou a *obra-espelho*, tanto mais pode iluminar e clarificar o perceptor.

### **Sete Planos de Percepção - Sete Portas da Alma<sup>5</sup>**

No seu livro intitulado *Aspekte des Unbewussten* (Aspectos do Inconsciente) Werner Priever descreve os sete níveis de consciência desenvolvidos por

---

<sup>2</sup> Recorremos ao uso da terminologia 'criador', por um lado, pelo facto de esta denominação se poder aplicar a qualquer tipo de criação, por outro lado, pelo facto de, desse modo, o autor da obra ter presente a sua função de criador, de interveniente responsável pela continuação da criação.

<sup>3</sup> Optámos pela denominação 'obra-espelho' por motivos semelhantes aos escolhidos para o 'criador'. *Obra-espelho* revela, em si, o elemento de destaque que pretendemos desenvolver – a *obra-espelho* enquanto reflector de estados de consciência, ou planos de percepção do criador, por um lado, permite simultaneamente, através desse reflexo actuar sobre os níveis e estados de consciência, ou planos de percepção do perceptor com que se confronta.

<sup>4</sup> Escolhemos a denominação de 'perceptor', pela sua qualidade de interveniente a partir de um 'plano de percepção'. Entendemos 'percepção' num sentido integral mais lato que meramente a percepção sensorial. A capacidade de 'percepção' aplica-se, neste contexto, aos sete planos da percepção humana, ou sete portas da alma.

<sup>5</sup> Ver gráfico 1 em anexo.

Rudolf Steiner. Os níveis de consciência estruturam-se numa graduação que vai do mais elementar ao mais requintado e subtil. Rudolf Steiner faz corresponder o desenvolvimento dos níveis de consciência ao desenvolvimento da humanidade e ao desenvolvimento pessoal. O primeiro nível de consciência corresponde a um nível de consciência rudimentar que está associado ao corpo físico, este nível de consciência é equiparável ao reino mineral. O segundo nível de consciência, denominado consciência de sono profundo sem sonho está associado ao corpo etérico e encontra a sua correspondência no reino vegetal. O terceiro nível de consciência, a consciência de sonho, está associada ao corpo astral e ao reino animal. O quarto nível de consciência, a vigília, está associado ao corpo do eu e constitui um elemento de destaque para o reino humano. Os três níveis de consciência que se seguem só são acessíveis ao ser humano através do trabalho de auto-conhecimento e de meditação. Sendo o quinto nível de consciência, a consciência imaginativa, o sexto nível de consciência, a consciência inspiradora e o sétimo nível de consciência, a consciência intuitiva.

Regressando ao nosso *leitmotif* sobre a missão da arte, o criador deverá desenvolver os três níveis de consciência superiores, ou sumariamente designados por supraconsciente, por forma a permitir o acesso ao seu Eu Superior que, por seu turno, através da obra-espelho pode contribuir para a ampliação dos níveis de consciência do(s) perceptor(es) alcançando o(s) Eu Superior(es) do(s) mesmo(s). É importante, neste contexto ter em conta a lei da ressonância, ou do eco, que actua no universo e conseqüentemente também no processo criativo. A qualidade daquilo que é emanado será devolvida. Pelo que o criador ao emanar, ao criar uma obra-espelho a partir dum elevado grau de consciência, ou plano de percepção, activa o grau de consciência correspondente no plano de percepção do perceptor. Através deste fenómeno é possível explicar o motivo pelo qual a vivência contemplativa de uma obra prima provoca deslumbramento no perceptor<sup>6</sup>.

Sumariamente, encontramos três grandes áreas de consciência, ou planos de percepção, o subconsciente, o consciente e o supraconsciente, áreas essas que, por seu turno, se dividem em sete sub-áreas, ou planos de percepção. Esses sete planos de percepção, ou sete portas da alma

---

<sup>6</sup> Ver Imagem 1 "O Beijo" de Auguste Rodin,, em anexo, na Imagoteca.

encontram a sua analogia em vários modelos e tradições. Para melhor entendimento, desenvolvemos o quadro comparativo (gráfico 1 em anexo) onde integrámos os modelos de Rudolf Steiner, Carl Gustav Jung, Tradição Huna, Roberto Assagioli e acrescentámos as correspondências, dos chacras e das cores.

Tal como na tradição Huna encontrámos a *corda de aka* que liga o Eu Inferior ao Eu Superior, assim também em Roberto Assagioli o *Inconsciente Colectivo* liga o Inconsciente Inferior ao Inconsciente Superior ou Supraconsciente.

Herdámos da sabedoria oriental o conhecimento e o estudo sobre os chacras<sup>7</sup>. O ser humano dispõe de sete chacras, ou centros energéticos principais que se alinham ao longo da coluna vertebral<sup>8</sup>. A ligação do chacra de base ao chacra da coroa, através do fluxo energético entre os sete chacras principais processa-se através da *kundalini*<sup>9</sup>. A cada chacra corresponde uma área de intervenção energética e uma cor. O conjunto de todas as cores constitui o arco-íris. Assim, ao chacra de base corresponde o preto – vermelho, ao *hara* corresponde o laranja, ao plexo solar corresponde o amarelo, ao chacra do coração corresponde o verde, ao chacra da garganta corresponde o azul, ao chacra da terceira visão corresponde o anil e ao chacra da coroa corresponde o violeta –branco.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> O conhecimento sobre os chacras, sua localização e suas áreas e intervenção, amplamente conhecido no oriente, tem nos últimos anos vindo a ser aprofundado também no ocidente para diagnósticos no âmbito das medicinas complementares. Veja-se, por exemplo, o *Reba-Testgerät*, um aparelho desenvolvido por dois médicos da empresa suíça *Rubimed*, que permite diagnosticar o estado de cada um dos chacras e dos corpos subtis permitindo desse modo actuar através de compostos homeopáticos no cerne da área a tratar. Este tipo de tratamento é muito eficaz, sobretudo, nas doenças do foro subtil. Para o aprofundamento desta temática aconselha-se a leitura de *Psychosomatische Energetik. Diagnostik der Chakren und Energie-Ebenen und ihre biologische Therapie* do médico Reimar Banis.

<sup>8</sup> Ver Imagem 2, “Os 7 Centros de Lótus da Kundalini”, em anexo, na Imagoteca.

<sup>9</sup> A *kundalini* é habitualmente representada por uma serpente enrolada e adormecida no final da espinal medula, o *despertar da kundalini*, ou seja, a activação gradual de cada um dos chacras, de cada um dos planos de percepção, deve ser efectuada de modo progressivo e cauteloso. Uma parte substancial das doenças físicas e psíquicas do ser humano têm a sua origem e correspondência em bloqueios energéticos nos chacras, bloqueios esses que podem ser dissolvidos por terapeutas especializados. O desconhecimento destas correlações por parte da medicina tradicional do ocidente diminui as possibilidades reais de cura. Sugere-se aqui que, também na área da medicina, se desenvolva o hábito de investigar em parceria com áreas afins rumo a uma medicina integral que aprofunde os conhecimentos sobre os corpos subtis do ser humano, lugar onde, em muitos casos, reside o verdadeiro foco da doença.

<sup>10</sup> Uma outra forma de aceder ao conhecimento de cada um dos níveis de consciência ou planos de percepção e consequente caminho rumo ao auto-conhecimento é através do estudo da Astrologia. Ao longo dos tempos o ser humano procurou encontrar respostas para os mistérios da vida através do entendimento dos sinais da terra e do céu. Essa busca pelos significados ocultos da vida encontrou também muito interesse e dedicação em grandes escritores como Johann Wolfgang von Goethe e Fernando Pessoa que dominavam e recorriam à sabedoria astrológica. Aprender a linguagem simbólica da astrologia permite aceder a um maior conhecimento sobre o ser humano. Cada um dos elementos que compõem um mapa astral, como, os 360º graus do Zodíaco, os signos zodiacais, os planetas, os planetóides, as casas, os nódulos lunares, os aspectos interplanetários, está associado a uma complexa estrutura significativa integrada numa linguagem simbólica. A acompanhar a vida, o mapa astral evolui e

De seguida apresentamos um primeiro gráfico em que delineamos as correspondências entre os níveis de consciência segundo Rudolf Steiner, os planos de percepção, as cores e os chacras:

<b>Plano de percepção</b>	<b>Cores</b>	<b>Rudolf Steiner</b>	<b>Chacras</b>
Eu Superior <b>Supraconsciente</b>	(Ultravioletas) Violeta- Branco	Intuição	Chakra da Coroa
	Anil	Inspiração	3ª Visão
	Azul	Imaginação	Chakra da garganta
<b>Consciente</b> Ego	Verde	Vigília / Corpo do Eu	Chakra do Coração
	Amarelo		Plexo Solar
Eu Inferior <b>Subconsciente</b>	Laranja	Consciência de sonho / corpo astral	Hara
	Vermelho-preto	Consciência de sono profundo sem sonho/ corpo etérico	Chakra de base
	(Infravermelhos)	Consciência rudimentar/ corpo físico	

---

transforma-se ao longo do tempo. A astrologia sustenta-se em cálculos rigorosos e complexos que permitem, entre outros, calcular a evolução do tempo exterior e do tempo interior relativo ao mapa astral em causa. Devido ao facto de, neste espaço, não haver tempo para nos alongarmos muito sobre este assunto remetemos o leitor para a consulta de bibliografia especializada. Em Portugal, a primeira escola de astrologia humanista e transpessoal foi fundada por Maria Flávia de Monsaraz em 1987 em Lisboa, o *Quiron* – Centro Português de Astrosófia. O *Quiron* oferece, entre outros, um curso de cinco anos onde se incentiva o auto-conhecimento através do entendimento gradual do mapa astral, onde se aprende a linguagem simbólica da astrologia humanista e transpessoal que permite uma ampliação do conhecimento dos níveis de consciência. A astrologia 'séria', que infelizmente muitos leigos ainda desconhecem, é um meio acessível ao ser humano do século 21 para integrar e entender as suas vivências, o seu caminho da vida. A carta astral corresponde a uma matriz que incorpora o conhecimento integral do ser humano, o grau e conhecimento que de lá se pode retirar depende do grau de consciência, do plano de percepção do astrólogo, ou, em nossa nomenclatura, do Astroterapeuta.

Para visualizarmos melhor a composição dos vários planos de percepção que integram o ser, propomos a visualização de um ovo tripartido em subconsciente, consciente e supraconsciente em cujos limites residem respectivamente o Eu Superior e o Eu Inferior. Ambos os 'eus' interligam-se, tanto pela corda de aka, espinal medula, que os permeia, quanto por uma hélice composta pelas cores do arco-íris que se inicia com os tons infravermelhos junto do eu inferior e se serpenteia até aos tons ultravioleta que se situam junto ao Eu Superior num fluxo dinâmico.

### **Da Catarse à Obra-Prima**

Antes de procedermos à esquematização e ao desenvolvimento do modelo atrás escrito pretendemos remeter a atenção do leitor para alguns pormenores importantes:

- O modelo da *Poética da Alma* que de seguida iremos apresentar assemelha-se a um sistema orgânico com um fluxo energético inspirado nalguns processos biológicos e bioquímicos, nomeadamente na anáfase, a primeira fase que constitui a mitose, o processo de divisão das células, por outro nas hélices de DNA que transportam os núcleos de toda a informação inerente ao funcionamento do organismo e num terceiro momento no encadeamento dos elementos que gerem a construção de moléculas.
- Recorremos ao modelo do ovo pelo facto de constituir uma semente a partir da qual o criador pode continuar a criação. Os sete planos de percepção são representados ao longo de uma hélice que integra as cores do arco-íris, hélice essa, que integra todos os planos de percepção possíveis a que o ser humano pode aceder, mas que, em analogia à biologia, terá que aprender a descodificar primeiro.
- A analogia com a anáfase estabelece-se por vários motivos: é nesse momento que reside o princípio da criação da vida, é a partir da divisão da célula primordial que advém uma segunda célula. Daí que o modelo do perceptor no âmbito da *Poética da Alma* se deriva a partir da duplicação do criador.

- Também o perceptor é representado em forma de ovo que se divide em três grandes planos de percepção, planos esses que, por sua vez, se subdividem, de novo, num total de sete planos de percepção que incorporam as cores do arco-íris ao longo de uma hélice que liga o eu inferior ao Eu Superior.
- As eventuais conexões que se podem estabelecer entre o criador e o perceptor dependem da qualidade da informação emanada através dos vários planos de percepção mensuráveis através das variações de cor das respectivas hélices.
- O modelo da teoria da integração, sendo um modelo baseado num paradigma de um organismo vivo, não é estático. Pelo que a representação deste modelo se deve entender como um fotograma isolado de uma película em movimento que se baseia nos fluxos e refluxos entre planos de percepção, níveis de consciência, criador, obra-espelho e perceptor.
- A Poética da Alma pretende contribuir para um paradigma que vise a génese do *Pan-Antropos* (Soares, 2003). O *Pan-Antropos* define-se como um ser que gradualmente adquire consciência e conhecimento sobre os planos de percepção que constituem a sua hélice, o seu ser, a sua essência.
- Paralelamente ao ganho de consciência, o *Pan-Antropos*, aqui representado a partir de uma reconfiguração do criador para o século 21, irá poder criar obras-espelho que se tonificam em analogia ao seu processo interior de auto-conhecimento.
- O objectivo último do processo de auto-conhecimento do criador é ultrapassar o limiar da catarse explorando para tal, conscientemente e através da sua criatividade, os domínios do subconsciente de modo a poder libertar o acesso aos domínios do supraconsciente, permitindo, desse modo, esculpir gradualmente a obra-prima.

- Pressupõe-se, por conseguinte, que a obra-prima se acede pela via da supraconsciência, onde reinam os planos de percepção da imaginação, da inspiração e da intuição.
- Atingindo o limiar da obra-prima, o criador atinge o lugar a partir do qual pode continuar a criação, o lugar a partir do qual pode tornar visível o invisível, o lugar que nos devolve uma veneração profunda perante aquilo que for criado.
- O modelo da Poética da Alma pretende, em última análise, contribuir para uma mudança de paradigma no âmbito dos processos criativos devolvendo, para tal, ao criador responsabilidade por aquilo que cria. Deslocando por conseguinte o motor da sua criatividade do ego (eu médio) ou do eu inferior para o Eu Superior.

## **Poética da Alma – O Modelo**

### **O criador - A Célula de Base<sup>11</sup>**

A primeira célula de base que compõe o modelo da Poética da Alma é constituída pelo criador. Recorremos ao uso da terminologia *criador*, por um lado, pelo facto de esta denominação se poder aplicar a(os) vários tipos de criação, por outro lado, pelo facto de, desse modo, o autor da obra ter presente a sua função de criador e conseguinte responsabilidade pela continuação da criação.

Em nosso entender, os princípios inerentes à criação devem aplicar-se a todas as áreas da criatividade, pelo que pretendemos desencadear uma profunda reflexão em torno das múltiplas poéticas existentes para cada uma das áreas, de modo a permitir um alargamento da reflexão a áreas afins e não somente àquelas a que as áreas tradicionais de uma certa especialização se reportam. Deste modo poderá abrir-se um diálogo entre as literaturas, o cinema, as artes, o teatro, a música etc. Com o intuito de contrariarmos a tendência de constituir edifícios teóricos isolados que em nada se tocam, propomos o modelo da Poética da Alma como linguagem

---

<sup>11</sup> Ver gráfico 2: O Criador – A Célula de Base, em anexo.

simbólica que possa facilitar as trocas frutíferas entre as múltiplas áreas de criação.

As especificidades que caracterizam cada área da criação podem e devem desenvolver-se no âmbito da prática inerente a cada uma delas. Deste modo pode desenvolver-se, por um lado, uma ligação reflexiva entre todas as formas de criação, por outro lado, salvaguarda-se a individualidade de cada uma das áreas no âmbito das suas aplicações práticas. Em analogia a estados-nação que partilham os mesmos princípios de base, mas que os desenvolvem e integram individualmente na prática e na realidade que os caracteriza.

Partimos, então da célula de base do 'criador'. Este 'criador' tem por objectivo enveredar por um caminho de auto-conhecimento que lhe permite uma aproximação da via rumo à obra-prima. Nesta via, o criador assume a responsabilidade perante o que cria. Inicia o seu processo de criatividade, efectua as áreas de criação para as quais tem aptidões. O novo elemento surge no momento em que termina a sua obra. Aí, deve instaurar um período de reflexão profunda para integrar de que plano de percepção proveio o que criou. Ao consciencializar-se do plano de percepção que activou poderá com maior consciência decidir se irá ou não colocar a sua 'obra-espelho' na área de transferência (ao público) para que algum perceptor a possa integrar.

O que distingue a célula de base deste 'criador' de grande parte dos 'artistas-criadores' contemporâneos, liga-se sobretudo com a inclusão omnipresente de momentos de introspecção que se seguem aos momentos de criação, momentos esses que são necessários para a responsabilização pela obra-espelho do criador. Pressupõe-se, por conseguinte, que os momentos de introspecção facilitem e incentivem a deslocação gradual dos elementos de criação do foro pessoal, nomeadamente do subconsciente e do consciente, para uma dimensão transpessoal e transtemporal: o supraconsciente. Isto para permitir que o criador possa, através daquilo que cria, romper a membrana do mero escoamento da catarse rumo a uma via e a um plano que permita continuar a criação através de múltiplas obras-primas.

## **O Ovo Tripartido<sup>12</sup>**

Na sequência da nossa viagem inspirada, entre outros, na terminologia de alguns processos bioquímicos, observamos, de seguida, o ovo tripartido que se desenvolve a partir da célula de base. Neste contexto podemos lembrar-nos da tripartição a partir da imagem da esfinge. Aí verificámos que ao longo da história da humanidade a figuração humana se foi desenvolvendo e oscilando entre as componentes animal – humano - divino. Para melhor entendermos essas oscilações observadas como composições do ser a partir das vivências do humano na arte ao nível de um macrocosmos, passamos, de seguida, para um estudo analógico ao nível de um microcosmos aplicado aos níveis de consciência do ser individual. Parece-nos de basilar importância sublinhar aqui as correspondências existentes entre as composições do ser e os níveis de consciência. O que de 'animal' reside no ser humano, processa-se essencialmente a partir do subconsciente, uma área anteriormente também designada por 'duplo' ou 'sombra'. No foro do consciente situa-se o âmbito da 'vontade' que rege a consciência de vigília do ser. É tarefa do consciente, da componente humana, resgatar o lado animal, o duplo, a sombra que reside, ao que parece, em cada ser.

A terceira componente, a componente do 'divino' no ser humano é equiparável ao supraconsciente. Conforme o ser vai resgatando um maior conhecimento sobre o seu lado 'animal', 'sombra', 'duplo', assim vai, simultaneamente, abrindo caminho para aceder a níveis de consciência mais subtis que residem no foro do supraconsciente. Recordamos que o supraconsciente sendo a fonte de toda a sabedoria, só se manifesta se para tal for solicitado pelo consciente, ou eu médio, ou ego. A activação do supraconsciente está intimamente associada ao uso do livre arbítrio, enquanto que as emanções do subconsciente se podem desencadear mesmo sem vontade expressa do consciente. Lembramos, neste contexto, as três possibilidades de base que se colocam ao ser humano perante a gestão da componente animal.

- 1) O ser humano pode optar por reger a sua vida pelos impulsos que advêm do subconsciente, do seu lado 'animal', 'duplo' ou 'sombra' e conseqüentemente ser 'escravo' desses mesmos impulsos, sem activação da vontade.

---

<sup>12</sup> Ver gráfico 3: O Ovo Tripartido, em anexo.

- 2) O ser humano pode optar por ignorar o seu lado 'animal', 'sombra', 'duplo', optando por uma conduta eticamente correcta, no entanto, essa conduta não protege o ser humano de, em qualquer momento, ser surpreendido por erupções inesperadas provenientes do subconsciente que, poderá ter de gerir com alguma dificuldade.
- 3) O ser humano pode optar por uma via que tenha como pressuposto o confronto e o conhecimento do o seu lado 'animal', 'sombra', 'duplo', desse modo, pode gradualmente fazer actuar a vontade, o seu lado consciente, sobre o seu lado subconsciente e deixar, assim, de ser surpreendido por este. Esta via integra-se no âmbito dos processos de auto-conhecimento tais como o processo de individuação (Jung) ou a biografia (Lievegoed a partir de Rudolf Steiner), a psico-síntese (Assagioli), entre outros de semelhante validade.

Integrar o modelo da tripartição humana, aqui por nós representado pelo ovo tripartido, permite desencadear com maior facilidade os processos de auto-conhecimento inerentes, em nosso entender, ao percurso rumo a um ganho de consciência. Ao dispor-se a desbravar e iluminar as suas caves sombrias, o ser humano pode partir para uma via rumo a um conhecimento integral do ser.

<b>Composições do Ser</b>	<b>Níveis de Consciência</b>
Divino	Supraconsciente
Humano	Consciente
Animal	Subconsciente

A via da tripartição do ser liga-se também a uma reconfiguração do paradigma terapêutico. Ao longo do século XX, grande número das terapias desenvolvidas no âmbito da psicologia e da psiquiatria restringiram-se sobretudo ao âmbito 'patológico'. A recorrência aos técnicos especializados no estudo da alma humana fazia-se essencialmente num momento de 'crise', com o intuito de 'curar' algum mal-estar do foro anímico, existencial ou social. Um novo paradigma para o desenvolvimento do Pan-Antropos, subentende o recurso a terapias para fins de auto-conhecimento. Para tal é necessário que se criem estruturas, paralelamente a algumas já existentes,

onde os seres interessados possam iniciar um processo de auto-conhecimento.

Em nosso entender, seria igualmente de salutar que o incentivo ao auto-conhecimento se processasse sobretudo a partir das universidades, permitindo que um aluno, funcionário ou docente que pretenda enveredar por uma via rumo ao auto-conhecimento a pudesse iniciar numa academia. Semelhante às ancestrais escolas de mistérios, onde o ser podia obter conhecimentos sobre os mistérios da alma humana tendo também oportunidade de os vivenciar.

Após termos desenvolvido o conteúdo do ovo tripartido em subconsciente, consciente e supraconsciente continuamos, de seguida, a nossa viagem rumo à hélice arco-íris que integra os sete planos da alma, os setes planos de percepção...

### **A Hélice Arco-íris – Os Sete Planos de Percepção<sup>13</sup>**

Continuando a apresentação do nosso modelo, passamos do ovo tripartido para a hélice arco-íris. A dupla hélice arco-íris que se compõe pelas sete portas da alma, ou sete planos de percepção, liga o eu inferior ao Eu Superior e vice versa, ligando igualmente as componentes animal, humano e divino do ser. Esta dupla hélice liga os patamares da consciência através das respectivas cores que correspondem, por sua vez, aos sete chacras principais. No fundamento, em conjunto com o chacra de base reside o eu inferior representado pela cor vermelha que se desenvolve para os infravermelhos. É também neste limiar que residem as imagens arquetípicas do inconsciente colectivo inferior (Jung). Este chacra contém em si, a consciência rudimentar e o corpo físico, equiparável ao estado de consciência vivenciado pela humanidade no antigo Egipto com correspondência no reino mineral, a consciência de sono profundo sem sonho e o corpo etérico, equiparável ao estado de consciência vivido na antiga Grécia com correspondência no reino vegetal (Rudolf Steiner). Subindo através desta hélice, ainda no domínio do subconsciente, encontramos o *Hara* que é representado pela cor laranja e que corresponde

---

<sup>13</sup> Ver gráfico 4: Os Sete Planos da Alma e Gráfico 5: A Dupla Hélice – Os Sete Planos da Alma, em enexo.

à consciência de sonho, ao corpo astral e que tem correspondência com o reino animal (Rudolf Steiner).

Este patamar de consciência é equiparável àquele vivenciado pela humanidade ao longo da Idade Média. E tal como na história da humanidade, em analogia à ontogênese, processa-se no âmbito da filogênese, do *Hara* para o Plexo Solar, a passagem do subconsciente para o consciente.

Assim, encontramos, de seguida, o amarelo que abre a porta para o consciente e representa o Plexo Solar que está relacionado com processos cognitivos lineares, também designados por 'mente inferior' (como complemento da mente superior que reside no supraconsciente). Esta passagem para o Plexo Solar tem uma analogia com o Renascimento e o Iluminismo vivenciado pela humanidade. O desenvolvimento da mente analítica experienciado no Ocidente com o Renascimento e acentuado com o Iluminismo, deve-se à apreensão da qualidade deste chacra, a libertação do pensar analítico.

O ponto de viragem e de síntese que encontramos, de seguida, no chacra do coração, representado com a cor verde e correspondente à Modernidade abriga também os domínios da vigília e do corpo do eu (Steiner), ou ego (Jung) ou eu médio (Long). A ligação com o chacra do coração pode entender-se a partir do surgimento dos estudos em torno da inteligência emocional. É no âmbito deste limiar que o ser humano se encontrava no final do século XX. O caminho, na sequência de uma evolução rumo a um ganho de consciência da humanidade para o século 21, processa-se, ao que parece, na via de passagem do limiar que separa o consciente do supraconsciente. Daí a importância do surgimento dos Estudos da Consciência e da Psicologia Transpessoal, áreas privilegiadas para o entendimento e aprofundamento dos domínios do supraconsciente.

Na passagem do verde para o azul situa-se o portal para o supraconsciente, a área divina do ser. Esse portal corresponde ao chacra da garganta que, por sua vez, está ligado ao domínio da imaginação. Este patamar integra domínios a desbravar pela humanidade no futuro. O penúltimo patamar que se segue liga-se com a 3ª visão, ou écran interior, e corresponde ao anil. O chacra da 3ª visão está associado à inspiração. O último patamar, o chacra da coroa, liga-se à cor violeta e constitui a sede da intuição, abriga, por

consequente, o Eu Superior ou Self e continua o arco-íris para o domínio dos ultravioleta.

Tal como a hélice que liga o eu inferior ao Eu Superior, existe uma segunda que integra os mesmo patamares e as mesmas cores de forma inversa, do Eu Superior para o eu inferior.

Delineamos portanto um ovo tridimensional que suporta nos seus vértices, o eu inferior e o Eu Superior respectivamente. No interior desse ovo encontra-se um dupla hélice arco-íris que, patamar a patamar, interliga os sete planos de percepção. A hélice desenvolve-se de modo complementar de baixo para cima (do eu inferior para o Eu Superior) e de cima para baixo (do Eu Superior para o eu inferior).

De acordo com esta mundivisão, o Pan-Antropos atingirá o conhecimento pleno quando tiver a capacidade de se mover deliberadamente na dupla hélice do eu inferior ao Eu Superior e do Eu Superior para o eu inferior.

### **Hemisférios Diurno e Nocturno<sup>14</sup>**

Na continuação da nossa viagem em torno do modelo da teoria da integração iremos, de seguida, fazer um pequeno excuro aos hemisférios. Para além do ovo tripartido e da dupla hélice arco-íris que integra os sete planos de percepção importa salientar também os hemisférios diurnos e nocturnos que compõem o ser. Assim, o hemisfério diurno, mais ligado ao domínio do Yang, caracteriza-se pelas qualidades tradicionalmente associadas, entre outros, ao sol, ao dia, ao exterior, ao movimento, ao lado esquerdo, ao homem, à expansão, o hemisfério nocturno, por seu lado mais ligado ao domínio do Yin, caracteriza-se pelas qualidades tradicionalmente associadas à lua, à noite, ao interior, à quietude, ao lado direito, à mulher, à contracção. Ambas as qualidades residem no âmago do ser. O estudo dos temperamentos segundo Rudolf Steiner e dos tipos de personalidade segundo Jung, permitem desenvolver reflexões que facilitam a caracterização das componentes do ser.

---

<sup>14</sup> Ver gráfico 6: Hemisfério Diurno e Hemisfério Nocturno, em anexo.

## **O Prisma<sup>15</sup>**

O último elemento que ainda nos resta acrescentar ao modelo de composição do ser individual no âmbito da Poética da Alma (Soares, 2003) caracteriza-se pelo prisma através do qual percebemos o que, aparentemente, não integra a essência de base do ser, ou dito de outro modo, o patamar a partir do qual percebemos conscientemente o que nos envolve, ou dito ainda de outro modo o plano de percepção a partir do qual trocamos conscientemente informação com outros seres. De destacar é o facto da área que integra esse prisma 'consciente' ser substancialmente reduzida daquela que a essência da composição do ser poderia contemplar. Note-se, a propósito, que é a partir da ampliação consciente do enfoque do prisma, das áreas de transferência, que o modelo da teoria da integração pode actuar.

Delineadas as características essenciais que descrevem o ser individual no modelo da teoria da integração, seguimos agora para a fase que abrange o perceptor. É de notar que o modelo apresentado se constitui por dinamismo e unicidade de cada ser, pelo que a graduação das cores, dos planos de percepção, das hélices, dos eus inferiores e Superiores, dos prismas variam de ser para ser.

Optámos por uma apresentação padrão pela impossibilidade de apresentarmos todas as variações possíveis inerentes à composição de todos os seres.

## **O Perceptor<sup>16</sup>**

Na sequência do modelo da Poética da Alma surge, de seguida, em analogia à anáfase na biologia, a composição do perceptor. Como indicámos nos pressupostos para a Poética da Alma, o modelo que estamos a apresentar não é estático, mas orgânico e vivo, pelo que os gráficos que apresentamos, equivalentes a fotografias retiradas de uma película em movimento, têm, sobretudo, uma função de ilustração do processo.

Em analogia ao criador, o perceptor constitui-se pelas mesmas componentes que o criador. A essência do ser é comum ao criador e ao perceptor. Daí que o perceptor também seja representado por um ovo

---

<sup>15</sup> Ver gráfico 7: O Prisma, em anexo.

<sup>16</sup> Ver gráfico 8: O Perceptor, em anexo.

tripartido, que por sua vez integra uma dupla hélice arco-íris que liga o eu inferior ao Eu Superior e vice versa, para além de se compor por um hemisfério diurno e um hemisfério nocturno. O fluxo energético que se estabelece quando o criador emana uma obra-espelho, só adquire uma dimensão do âmbito do 'fora-de-si' quando essa obra-espelho for contemplada por um perceptor.

Pretendemos com a Poética da Alma restabelecer o fluxo quebrado ao longo do século XX entre autor, obra e público.

Em nosso entender, o espartilhar dos elementos que intervêm no processo criativo conduz a uma visão 'espartilhada' da realidade criada, pelo que propomos que a reflexão em torno das obras-espelho se desenvolva de modo a integrar o criador, a própria obra-espelho e o perceptor.

### **A Obra-espelho – Lago Narcísico da Humanidade<sup>17</sup>**

Devido à complexidade inerente à obra-espelho, iremos abordá-la em dois momentos. Neste primeiro momento importa salientar o elemento de 'lago narcísico da humanidade', uma vez que, em nosso entender, toda a obra-espelho produzida por um criador é reflectora de alguma componente inerente a este, seja do foro consciente, seja do foro subconsciente, seja do foro supraconsciente.

Neste sentido, uma das primeiras funções da obra-espelho é exactamente a de um espelho reflector. A observação das obras-espelho permite-nos 'reconstruir' os elementos que a elas subjazem, permite entender o curso da humanidade não somente a partir de um ponto de vista materialista que se reduz a um estudo unilateral, mas a partir de um ponto de vista integrador que permite chegar mais próximo de um entendimento do todo que envolveu a humanidade num certo momento da história<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Ver gráfico 9: A Obra-Espelho, em anexo.

<sup>18</sup> Note-se, a propósito, a panóplia dos estudos existentes em torno de pesquisas relacionadas com as épocas paleolíticas, por exemplo. O que encontramos é uma abordagem materialista dos menires, das antas e dos cromeleques encontrados, descrições que catalogam a idade das pedras em causa, a sua composição, etc. Raramente se encontram estudos que abordem o significado integral de tais lugares de culto, raramente se questiona o modo de construção que contemplava alinhamentos precisos com astros sem recurso aos telescópios sofisticados existentes no nosso tempo... Pelo que seria de louvar que as equipas a integrar projectos que se relacionam com o estudo de épocas tão pouco conhecidas fossem enriquecidas por arqueólogos, antropólogos, estudiosos dos mitos, xamãs, etc. Trabalhando em equipa, seria possível chegar a um todo mais esclarecedor constituído por informações dos diversos quadrantes. O benefício seria de toda a humanidade que passaria a poder integrar melhor esse pedaço da sua história. Escolhemos este exemplo, pelo facto de, actualmente, haver uma grande preocupação em classificar o património do paleolítico em vastas zonas do alto Alentejo.

## **A Obra-espelho – Construção Molecular entre Criador e Perceptor<sup>19</sup>**

Para além do efeito de 'lago narcísico da humanidade', a obra-espelho permite ainda a edificação de uma construção 'molecular' do criador ao perceptor e do perceptor ao criador.

Recorremos à imagem da construção molecular por vários motivos: o primeiro motivo relaciona-se com o facto de na Poética da Alma se tratar, como já anteriormente sublinhado, de um organismo vivo, o segundo motivo relaciona-se com o facto de, sendo um organismo vivo, se verificarem semelhantes complexidades àquelas que encontramos também, ao que parece, nalguns estudos do foro da biologia e da bioquímica, o terceiro motivo deve-se ao facto da construção molecular permitir uma infinitude de variáveis possíveis que corresponde a equivalente infinitude de pontos de contacto de atracção e repulsa entre criador e perceptor.

Assim, a área de construção molecular que sobressai em primeiro plano é aquela que se situa no fluxo dos prismas do criador e do perceptor provenientes do nível consciente. É de notar que no modelo da Poética da Alma existem vários níveis que podem actuar simultaneamente, embora se possam passar a níveis que o plano consciente não esteja a captar. Nesse sentido, um criador pode desenvolver uma obra-espelho, aparentemente, a partir do nível consciente, embora, simultaneamente o seu subconsciente inclua informações que permitam desencadear e/ou trabalhar aspectos ainda não consciencializados. Em nosso entender, esses fluxos subconscientes são praticamente omnipresentes e podem observar-se através do estudo das cores usadas, das palavras escolhidas, da linguagem gestual, das formas usadas, etc. um método de observação atenta da obra-espelho, do criador (quando presente) e do perceptor, permite ampliar a panorâmica dos fluxos e das trocas energéticas e moleculares que estabelecem uma teia gigante entre todos os seres vivos a que o ser humano está ligado. A tomada de consciência dessas teias existentes permite facilitar o tornar visível do invisível...

## **Ampliação da Consciência do Espelho –**

---

<sup>19</sup> Ver gráfico 10: A Obra-Espelho – Construção Molecular entre Criador e Perceptor I e Gráfico 11: A Obra-Espelho – Construção Molecular entre Criador e Perceptor II, em anexo.

## **Ampliação da Qualidade da Construção Molecular**

A qualidade da construção molecular que se pode vir a estabelecer consciente e não conscientemente depende da amplitude da consciência do espelho do criador (ou do perceptor)<sup>20</sup>. Isto significa que numa situação ideal, o criador desenvolve o seu processo de auto-conhecimento por forma a aproximar-se da feitura da obra-prima. Ao chegar perto da feitura da obra-prima, as construções moleculares que se podem vir a estabelecer com o perceptor poderão atingir níveis da supraconsciência do perceptor. Essas construções moleculares serão de qualidade ampliada. A missão da arte, em nosso entender, deve fomentar esse desenvolvimento. A activação consciente dos planos de percepção do supraconsciente permite devolver à arte a missão de continuar a criação.

Consideramos que a via de um criador deveria processar-se idealmente pelo caminho da criatividade e do auto-conhecimento de modo a facilitar a libertação do humano do elemento animal, elevando-o à sua componente divina. A criatividade que não vise um ganho de auto-consciência dificilmente pode alcançar o domínio do transpessoal e do transtemporal, dificilmente pode superar a barreira que separa o efémero do eterno, dificilmente alcança o estatuto de obra-prima.

### **O Pan-Antropos estabelece redes de Moléculas Cooperantes**

A via do Pan-Antropos caracteriza-se pelo intuito de ampliar a criatividade e o auto-conhecimento. Os criadores e os 'perceptores' que escolhem esta via, fazem-no pelo facto de pretenderem contribuir para a evolução da consciência da humanidade. Um ganho de auto-consciência individual colocado no âmbito do *fora-de-si* actua como elo de ligação em construções moleculares que permite tornar visível o invisível continuando a criação.

Um aglomerado de criadores na via da criatividade e do auto-conhecimento permite contribuir para a edificação de construções moleculares cooperantes, análogas a um ecossistema harmonioso que se desenvolve de modo sustentável.

A mudança de paradigma que a Poética da Alma pretende desencadear liga-se com a eminência do ser humano do século 21 enveredar pela assimilação

---

<sup>20</sup> Uma vez que, o teor do auto-conhecimento do criador e do perceptor pode variar.

da sua componente supraconsciente permitindo desse modo uma ampliação da consciência que pode trazer benefícios para todos os seres humanos nesta viagem com base na dupla hélice da vida humana na terra...

Integrar e tomar consciência dos múltiplos planos de percepção que subjazem à interação complexa entre seres e entre produtos criativos permite ampliar os horizontes daquilo que pode vir a ser a matriz da percepção humana no futuro...

## **Referências Bibliográficas**

### **Arte e Criatividade**

Bachelard, G. (1999/1960). *La Poétique de la Rêverie*. Paris : Quadrige / Press Universitaires de France.

Barron, F. & Montuori, A. & Barron, A. (ed.1997). *Creators on Creating : Awakening and Cultivating the Imaginative Mind*. New York : Penguin Putnam Inc.

Evans P. & Deehan, G. (1988). *The Keys to Creativity*. London, Glasgow, Toronto, Sydney, Auckland : Grafton Books.

Fonseca, A. (1998/1990). *A Psicologia da Criatividade*. Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa.

Gardner, H. (1993). *Creating Minds : An Anatomy of Creativity Seen through the Lifes of Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham and Ghandi*. New York : BasicBooks.

Gardner, H. (1994/1973). *The Arts and Human Development*. New York BasicBooks.

Harman, W. & Rheingold, H. (1984). *Higher Creativity. Liberating the Unconscious for Breakthrough Insights*. New York : Penguin Putnam Inc.

Kandinsky, W. (1952/1910). *Über das Geistige in der Kunst*. Bern : Bentili Verlag.

Killick, K. & Schaverien, J. (ed. 1997). *Art, Psychotherapy and Psychosis*. London, New York: Routledge.

Myers, T. (ed.1999). *The Soul of Creativity: Insight into the Creative Process*. Novato : New World Library.

- Neumann, E. (1986). *Künstlermythen. Eine Psycho-historische Studie über Kreativität*. Frankfurt, New York : Campus Verlag.
- Reheis, F. (1996). *Die Kreativität der Langsamkeit : Neuer Wohlstand durch Entschleunigung*. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Shlain, L. (1998). *The Alphabet Versus the Goddess: The Conflict Between Word and Image*. New York, London, Toronto: Penguin/Arkana.
- Soares, P. (2003). *Teoria da Integração: Uma Poética da Alma. Criatividade e Auto-conhecimento. Para uma Biografia Fílmica de Wim Wenders*, Évora: Universidade de Évora (Tese de Doutoramento).
- Steiner, R. (1996/ 1914-1915). *Art as Seen in the Light of Mystery Wisdom*. London: Rudolf Steiner Press.
- Steiner, R. (1998/1909). *Arte e Estética segundo Goethe: Goethe como Inaugurador de uma Estética Nova*. São Paulo: Editora Antroposófica.
- Steiner, R. (2001/ 1912-1921). *Freud, Jung & Spiritual Psychology*. Great Barrington: Anthroposophic Press.
- Steiner, R. (2001/1923). *Harmony of the Creative Word. The Human Being and the Elemental, Animal, Plant and Mineral Kingdoms*. London: Rudolf Steiner Press.
- Von Franz, M. (1972). *Patterns of Creativity Mirrored in Creation Myths*. Zürich: Spring Publications.
- Walter, P. (2000). *Die Neue Perspektive. Eine Kunsttheorie: Von der visuellen Wahrnehmung zum Bild der Zukunft*. Essen: Die Blaue Eule.
- Vaske, H. (ed.1999). *Why Are You Creative?*. Mainz: Verlag Hermann Schmidt.
- Zöllner, F. (2000). *Leonardo 1452-1519*. Köln, London, Madrid, New York, Paris, Tokyo: Taschen.

### **Concepções do Ser**

- Almendo, M. (1994). *Psicología y Psicoterapia Transpersonal*. Barcelona: Editorial Kairós.
- Armstrong, T. (1999/1993). *7 Kinds of Smart: Identifying and Developing Your Multiple Intelligences*. New York: Plume – Penguin Putnam.
- Assagioli, R. (1990/1965). *Psychosynthesis: A Manual of Principles and Techniques*. Kent: The Aquarian Press.

- Bachelard, G. (1999 /1960). *La Poétique de la Rêverie*. Paris: Quadrige/PUF.
- Bader, A.& Navratil, L.(1976). *Zwischen Wahn und Wirklichkeit*. Luzern, Zürich: Verlag C. J. Bucher.
- Banis, R. (1998). *Psychosomatische Energetik. Diagnostik der Chakren und Energie-Ebenen und ihre biologische Therapie*. Sulzbach: CO'MED Verlag.
- Costello, J. (1989). *Psychosis or Religious Experience – Is There a Difference?*. s.l.:Guild of Pastoral Psychology.
- Damásio, A. (1995/1994). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Coleção Fórum da Ciência.
- Damásio, A. (2000/1999). *O Sentimento de Si O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Coleção Fórum da Ciência.
- Edinger, E. (1984/1975-1983). *The Creation of Consciousness. Jung's Myth for Modern Man*. Toronto: Inner City Books.
- Ferrucci, P. (1982). *What We May Be: Techniques for Psychological and Spiritual Growth Through Psychosynthesis*. New York: G.P. Putnam's Sons.
- Gardner, H. (1999). *Intelligence Reframed: Multiple Intelligences for the 21st Century*. New York: Basic Books.
- Grof, S. (2000). *Psychology of the Future: Lessons from Modern Consciousness Research*. New York: State University of New York Press.
- Grof, S. & Grof, C. (ed. 1989). *Spiritual Emergency. When Personal Transformation Becomes Crisis*. New York: Penguin Putnam.
- Grof, S. (1998). *The Cosmic Game: Explorations of the Frontiers of Human Consciousness*. New York: State University of New York Press.
- Grof, S. & Grof, C. (1990). *The Stormy Search for the Self*. New York: Penguin Putnam.
- Jaffé, A. (ed. 1983/ 1977). *C. G. Jung: Word and Image*. Princeton: Princeton University Press.
- Jaffé, A. (ed. 1999/1961). *Erinnerungen, Träume, Gedanken von C. G. Jung*. Zürich / Düsseldorf: Walter Verlag.
- Jung, C. (1992/1934-1954). *Archetypen*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.

- Jung, C. (2002/1959). *Archetypes and The Collective Unconscious*. London: Routledge.
- Jung, C. (1995/1961). *Memories, Dreams, Reflections*. London: Fontana Press.
- Jung, C. (2003/1933). *Modern Man in Search of a Soul*. London, New York: Routledge.
- Jung, C. (1989/1946). *The Psychology of Transference*. London: Ark Paperbacks.
- Jung, E. (1985/ 1957). *Animus and Anima*. Woodstock: Spring Publications.
- Kerviel, J. (1997). *L'Être Humain et les Énergies Vibratoires*. Paris : Éditions Arka.
- King, S. (1996/1985). *Mastering Your Hidden Self : A Guide to the Huna Way*. Wheaton / Madras : Quest Books – The Theosophical Publishing House.
- Lievegoed, B. (1996/1974). *Desvendando o Crescimento: As fases evolutivas da Infância à Adolescência*. São Paulo: Editora Antroposófica.
- Lievegoed, B. (1997/1976). *Fases da Vida: Crises e Desenvolvimento da Individualidade*. São Paulo: Editora Antroposófica.
- Lievegoed, B. (1999/1983). *O Homem no Limiar: O Desafio do Auto-desenvolvimento*. São Paulo: Editora Antroposófica.
- Long, M. (1955). *Growing into Light: A Personal Guide to Practicing the Huna Method*. Marina del Rey: DeVorss Publications.
- Long, M.(1998/1953). *The Secret Science at Work: The Huna Method as a Way of Life*. Marina del Rey: DeVorss Publications.
- Long, M. (2000 /1948). *The Secret Science behind Miracles: Unveiling the Huna Tradition of the Ancient Polynesians*. Marina del Rey: DeVorss Publications.
- Lowen, A.(1994/1975). *Bioenergetics: The Revolutionary Therapy that uses the Language of the Body to heal the Problems of the Mind*. New York, London, Toronto, Ontario, Auckland: Penguin Arkana.
- Priever, W. (1999). *Aspekte des Unbewussten*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben.
- Quincey, C. (2000). The Promise of Integralism: A Critical Appreciation of Ken Wilber's Integral Psychology, *Journal of Consciousness Studies*, 7, N.º 11-12, pp.177-208.

Rycroft, C. (1979) The Psyche and the Senses in Csáky, M. (ed.1979). *How Does it Feel ? Exploring the World of Your Senses*. New York : Harmony Books, pp.69-75.

Schneider, J. (2000). *Der Doppelgänger: Die Schattenseite unserer Selbst*. Dornach: Verlag am Goetheanaum.

Segal, R. (ed.1998). *Encountering Jung on Mythology*. Princeton: Princeton University Press.

Sharp, D. (1987). *Personality Types: Jung's Model of Typology*. Toronto: Inner City Books.

Simões, M.& Resende, M. & Gonçalves, S. (ed. 2003). *Psicologia da Consciência. Pesquisa e Reflexão em Psicologia Transpessoal*. Lisboa, Porto, Coimbra: Lidel.

Soares, P. (2003). *Teoria da Integração: Uma Poética da Alma. Criatividade e Auto-conhecimento. Para uma Biografia Fílmica de Wim Wenders*, Évora: Universidade de Évora (Tese de Doutoramento).

Steiner, R. (1999/1908). *Matéria, Forma, Essência. O Caminho Cognitivo da Filosofia à Antroposofia*. São Paulo: Editora Antroposófica.

Tansley, D.(1979). Extrasensory Perception and Healing in Csáky, M. (ed.1979). *How Does it Feel ? Exploring the World of Your Senses*. New York : Harmony Books, pp.247-255.

Whitmore, D. (2000/1991). *Psychosynthesis Counselling in Action*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.

Wilber, K. (1999). Integral Psychology: Consciousness, Spirit, Psychology, Therapy in *The Collected Works of Ken Wilber*, vol. 4, Boston and London: Shambhala, pp. 423-717.

Wilber, K. (1999). In the Eye of the Artist in *The Collected Works of Ken Wilber*, vol. 4, Boston and London: Shambhala, pp. 371-381.

Wilber, K. & Engler, J. & Brown, D. (1999/1986). Transformations of Consciousness in *The Collected Works of Ken Wilber*, vol. 4, Boston and London: Shambhala, 47-176.

Wilber, K. (2002/1996). *Uma breve História de Tudo*. Porto: Via Óptima.

Wilber, K.(2000). Waves, States and Self. Further Considerations for an Integral Theory of Consciousness. *Journal of Consciousness Studies*. 7, N.º 11-12, pp. 145-176.

Woitinas, S. (2000). *Der Mensch zwischen kosmischen und irdischen Energien*. Stuttgart: Urachhaus.

### **Abstract**

Creativity and Consciousness for the 21<sup>st</sup> Century:

A Poetics of the Soul

*Paula Soares, University of Evora*

This paper aims at sharing some of the results of a PhD research in the area of *Consciousness Studies*, namely the presentation of a new model within a *Poetics of the Soul* concept.

To start with, this paper will focus on a reflection on the *Mission of Art* (Goethe) and on the *Creative Process* based on selected testimonies of universally recognized artists.

Further on, we will focus on the structure and location of the *Levels of Consciousness* as presented in the *Huna Tradition*, in Roberto Assagioli's *Psychosynthesis Model* and in Ken Wilber's *Integral Psychology*.

As a result of the connection between the *Mission of Art*, the *Levels of Consciousness* and the *Creative Process* we will present a *Poetics of the Soul* model that aims at (re)integrating the *Creator*, the *Mirror-work of Art* and the *Perceptor* in a dynamic molecular structure as a means for the *Creative Expression for the 21<sup>st</sup> Century*.

**Keywords: Creativity, Consciousness, Poetics of the Soul, Integral Psychology**

**Palavras-chave: Criatividade, Consciência, Poética da Alma, Psicologia Integral**

## **Nota Biográfica**

Paula Soares nasceu em 1967. Doutorou-se em Literatura Comparada (Criatividade e Auto-conhecimento) pela Universidade de Évora em 2004. Na sua tese de Doutoramento desenvolveu um Novo Modelo (*Teoria da Integração: Uma Poética da Alma*) que estuda as múltiplas relações que se estabelecem entre o *Criador*, a *Obra-espelho* e o *Perceptor* no âmbito dos Estudos da Consciência. As suas áreas de pesquisa, aprofundamento e reflexão movimentam-se em torno de novas abordagens do conhecimento para o século 21, nomeadamente, a relação entre Percepção, Projecção, Criatividade (Expressão Criativa) e Níveis de Auto-conhecimento. Seus Mestres Bibliográficos são: Carl Gustav Jung, Roberto Assagioli e Ken Wilber.

### Anexo I

#### **Imagoteca**

Imagem 1: *O Beijo* de Rodin

Imagem 2: *Os 7 Centros de Lótus da Kundalini*

### Anexo II

#### **Gráficos**

Gráfico 1: Sete Planos de Percepção – Sete Portas da Alma

Gráfico 2: O Criador – A Célula de Base

Gráfico 3: O Ovo Tripartido

Gráfico 4: Os Sete Planos da Alma

Gráfico 5: A Dupla Hélice – Os Sete Planos da Alma

Gráfico 6: Hemisfério Diurno e Hemisfério Nocturno

Gráfico 7: O Prisma

Gráfico 8: O Perceptor

Gráfico 9: A Obra-Espelho

Gráfico 10: A Obra-Espelho – Construção Molecular entre Criador e Perceptor I

Gráfico 11: A Obra-Espelho – Construção Molecular entre Criador e Perceptor II